

A galeria de valores de Matheus Rocha Pitta

Artista reúne obras que lidam com dinheiro, imagem e crença em exposição que abre hoje ao público no CCBB

Suzana Velasco

Com a porta semiaberta e a luz baixa, a sala A Contemporânea do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) se transformou numa espécie de espaço subterrâneo. Matheus Rocha Pitta criou um circuito que leva o espectador por notas de dinheiro, ruínas, imagens hipnóticas e fundos falsos que enganam a percepção e questionam o valor da imagem e a imagem do valor. Ao fim, sozinho, como num *backstage* dessa caverna, o espectador poderá dar seu próprio valor ao dinheiro, subindo ao "poço dos desejos" criado pelo artista. Ao nomear de "Galeria de valores" sua exposição que será aberta hoje ao público, Matheus acaba também questionando o valor atribuído à arte.

— Sempre trabalhei com coisas que não têm muito valor. Queria tratar de apreensão de dinheiro, mas muitos artistas já fizeram isso. Minha aproximação foi pela crença. A nota vale porque você acredita que ela vale. Tem um lado que é uma grande ficção. Trato também da crença de que você pode medir tudo pelo dinheiro hoje — diz o artista, que acaba de voltar da Bienal de São Paulo, onde expôs "Herança provisória", fotos e vídeo de uma fábrica em Londres, pouco antes de ser demolida.

Antes de se entrar na sala — inaugurada em agosto para receber, até meados de 2011, artistas jovens, mas já reconhecidos — um vídeo mostra imagens de um espaço no subsolo do MAM que Matheus usou como ateliê em 2007. Ele soube que o museu estava substituindo



Ana Branco

MATHEUS ROCHA PITTA

em frente a "Fundos reais": ampliações de cédulas de dinheiro irreconhecíveis

amplamente conhecida é feita pelo artista em "Fundos reais", em que sete monitores mostram, um ao lado do outro, imagens coloridas de detalhes (irreconhecíveis) das sete notas de real, de R\$ 1 a R\$ 100, com a frase "Deus seja louvado":

— Ampliei os elementos que atribuem valor às notas, como marcas d'água e assinaturas. Mas, de perto, parece tudo, menos dinheiro.

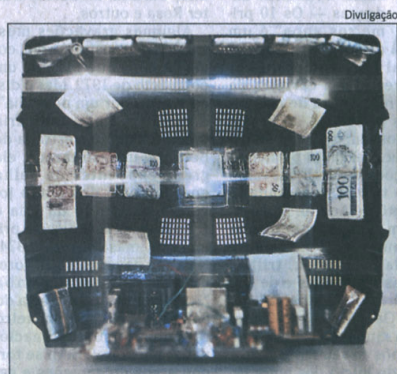
Um desejo por uma moeda

Perto dos monitores, seis fotografias da série "Canais" mostram fundos falsos de televisões, cheios de notas de real e dólar, como se estivessem transportando dinheiro ilegal.

— A foto entra como esse momento de revelação de um circuito. Quando há a apreensão, o material some. É a imagem que circula na mídia e é consumida — diz ele. — Estou menos interessado no crime do que em tratar do valor da imagem e da imagem do valor.

Quando o espectador pensa que acabou a expedição, encontra um "Fundo falso", uma escada por trás de uma parede. Feitos de cédulas falsas, de R\$ 100 a R\$ 1, os degraus levam a um poço em que se pode jogar uma moeda e fazer um desejo.

— A pessoa faz sozinha, sem ninguém ver. Ali, onde a relação com o dinheiro é mais verdadeira, é um fundo falso — diz o artista, que nomeou a mostra pensando na exposição permanente do CCBB com a história do dinheiro, "Galeria de valores", mas criou as obras antes de qualquer convite do centro cultural. — A crítica sobre a atribuição de valor à arte poderia ser feita em qualquer lugar. ■



Divulgação

FOTO da série "Canais": notas escondidas em fundo falso de TV

do as latas de ferro onde os filmes da cinemateca eram guardados, e pediu para ficar com elas. Na sala úmida do MAM, hoje reformada, Matheus fotografou desenhos que fez nas paredes então descascadas — curvas e imagens, chamadas de "Diagramas de prospecção", abrem a mostra, junto à série de latas, unidas por fitas adesivas.

Em seguida, o artista de 30 anos criou uma espécie de imitação das estantes da cinemateca, com suas latas de filme. A peça, "Jazida", serve como divisória para a próxima etapa, um espaço amplo com apenas uma obra, "Oratório". De longe, parece uma maquete, mas, ao se aproximar, percebe-se que é

uma televisão aberta ao meio, que leva em seu fundo fotos de dinheiro apreendido, recortadas de jornal, e uma cobertura de cimento, para dar, segundo Matheus, "um aspecto de estalactite". Ao lado, "Olho de peixe" é formada por uma TV em que a logomarca da Rede Globo, ampliada em 200 fotos transmitidas em sequência, perde sua identificação imediata. O monitor está ao fim de um corredor estreito, mais um espaço arquitetônico pensado pelo artista.

— Me sinto quase como um diretor de cinema, e as obras são cenas. Gosto bastante de criar um sentido na montagem.

A mesma ampliação que tira as referências de uma imagem